

BALA DE PRATA

Nº 3

**A mente e o corpo como
territorialidades estratégicas.
Itinerários à direita e esquerda**

Luis Fernando Ayerbe



2022

Autor

Luis Fernando Ayerbe

Capa

A imagem da capa pertence a série "Superhero Origins: The Lone Ranger"
e foi editada para esta publicação.

Diagramação

Gianfrancesco Afonso Cervelin

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
EM BUSCA DA BALA DE PRATA. O METAVERSO...5	
HIPERSTIÇÃO E NOOPOLÍTICA.....	8
NAVEGAR É PRECISO.....	23

APRESENTAÇÃO

Bala de Prata Nº3 é parte de uma série de Documentos de Trabalho da pesquisa

“A mente e o corpo como territorialidades estratégicas”.
(<https://luisfernandoayerbe.site/noopolitica/>)

O objetivo é analisar concepções e posturas que territorializam a mente e o corpo em domínio estratégico de mudanças civilizatórias, interconectando dimensões individuais, locais, nacionais, globais, planetárias e cósmicas.

Seja em situações de convivência ou de conflito nas relações humanas, vislumbra-se um mosaico de abordagens ancoradas em lógicas de poder, segurança nacional e internacional, política, espiritualidade, em diálogo com o campo científico, demandando abertura para perspectivas holísticas de compreensão e interlocução.

A base estrutural de referência é o processo recente de aceleração globalista, agente catalizador de transformações tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas que alavancam um crescente protagonismo das redes comunicacionais da era digital. Como parte dessa dinâmica, adquire centralidade analítica o significado e o alcance da imaterialidade como esfera da política.

Áreas temáticas

- Culturalismo e mentalização estratégica. Racionalidades meios-fins e Cisne Negro na formação de agentes políticos, corporativos, sociais, religiosos, de segurança e inteligência.
- Noosfera. (In) conscientes coletivos sob o prisma do poder, da segurança e da espiritualidade.
- O cérebro como campo de batalha. Guerras cognitivas.
- Estrutura e conjuntura em perspectiva noopolítica.
- Transumanismo. A mente e o corpo como territórios sem fronteiras.
- Dimensões/Metaverso. Transcendendo o mundo material?

EM BUSCA DA BALA DE PRATA. O METAVERSO

Na saga Matrix, das irmãs Lilly e Lana Wachowski, corpos em repouso conectados a uma máquina vivem existências alternativas ao sabor de cenários possibilitados por incomensurável inteligência artificial, mas de finitude atrelada à biologia humana.

Em episódio do seriado Black Mirror, criado por Charlie Brooker, é possível escolher quem ser em San Junipero, transitando por ambientes que reproduzem imaginário resguardado em arquivo de memória armazenado em repositório material de vidas presentes e passadas.

“Desaparecer de si”, expressão de David Le Breton para mecanismos de suspensão do “mundo de maneira provisional ou duradoura”, um “deslizar-se da malha do tecido social para renascer em outro lugar, com outra versão de si mesmo, ou bem apagar-se na discrição, a solidão, a ausência” (2017, p. 186-87).

Através de dispositivos físicos, pode se desaparecer de si no Metaverso, espaço virtual em que se acede à possibilidade de gerar a persona que se deseje apresentar a uma vizinhança povoada de representações de seres do mundo real. Óculos, computador, celular, tablet e acessórios que simulam o contato táctil, abrem a cortina de um habitat

frequentado por multiplicidade de avatares com suas moradias, veículos de transporte, vestimentas e demais objetos de uso cotidiano.

Nas palavras de Mark Zuckerberg, que adotou Meta como nome substituto de Facebook, opera-se “uma sensação de presença, como se você estivesse ali com outra pessoa ou em outro lugar (...) o maior sonho da tecnologia social” (Link, 2022).

O termo Metaverso foi utilizado pela primeira vez no romance *Snow Crash*, de Neal Stephenson, publicado em 1992. Hiro, personagem principal, reproduz sua vida material como entregador de pizza, mas leva uma existência paralela enfrentando vilões em plena exibição de habilidades de hacker e espadachim samurai.

Durante a temporada virtual, o protagonista transita por cenários cyberpunk de contrastes entre suntuosas construções high-tech nas alturas do poder e favelização generalizada na base precarizada. No retorno ao modo off-line, a adversidade mostra o rosto de destino invariável: “Hiro tem uma casa bonita e grande no Metaverso, mas precisa dividir um 20 x 30 na Realidade. Sorte no mercado imobiliário nem sempre se estende entre universos” (Stephenson, 2015).

A ficção científica costuma ser fonte inspiradora da vida real. Experiências transumanas interligando seres e máquinas, assim como formas de comunicação, transporte, estéticas do corpo e da paisagem urbana que integram o presente, foram alguma vez visualizadas como projeções futuristas

da literatura, televisão e cinema. “Ficções do futuro que se fazem reais” (Avanessian, 2021, p. 93), hiperstições. Na acepção de Nick Land:

As superstições são simplesmente falsas crenças, mas as hiperstições, por sua própria existência como ideias, funcionam causalmente para gerar sua própria realidade. A economia capitalista é extremamente sensível à hiperstição, em que a confiança atua como um tônico eficaz, e vice-versa. A ideia (fictícia) de Ciberespaço contribuiu para o afluxo de investimentos que rapidamente o transformou numa realidade tecno-social. (Land, 2009).

O Metaverso de *Snow Crash* como hiperstição. Bala de prata a estilhaçar fronteiras ao modo off-line. O imaginado e desejado por quem comanda o pensamento buscando transcender fronteiras materiais do ser. Operacionalização da mente para mudar a vida, Noopolítica.

HIPERSTIÇÃO E NOOPOLÍTICA

Seja nos territórios do conflito e da harmonia, adquirindo protagonismo em espaços imateriais de fronteiras cada vez mais tênues com a vida em carne e osso, a apropriação por parte de agentes significativos confere à noção de Noopolítica força material: para a dominação, invocando supremacismos sobre modo de vida, relações sociais, religiosidade, pertença nacional ou civilizacional; para a objetivação do comum, decifrando, estruturando e sensibilizando afinidades de pertença coletiva (Ayerbe, 2022a).

Nos Estados Unidos (EUA), o movimento QAnon é emblemático da guerra de narrativas em espaços virtuais que invadem a centralidade da política. Expressão destacada da ultradireita que opera na internet, o grupo adquire visibilidade no final de 2017, notabilizando-se por promover teoria conspiratória sobre suposta existência de rede global satanista que exploraria tráfico sexual infantil, acusando como participantes personagens destacados da política e do empresariado, como Barack Obama, Hilary Clinton e George Soros. A atuação de QAnon atinge novo patamar no insuflar de ânimos que culmina na invasão ao Capitólio em janeiro de 2021, buscando impedir que

o Congresso ratificasse a vitória do candidato presidencial Joe Biden (Ayerbe, 2022a).

A defesa da supremacia branca é outro componente de imaginários conspiratórios transformados em ações de ampla repercussão, como o atentado de 14 de maio de 2022 em supermercado em Buffalo, Estado de Nova York, quando um atirador de 18 anos matou 10 pessoas. Um dos argumentos invocados pelo perpetrador do massacre foi a Grande Substituição, narrativa inspirada no ensaio do mesmo nome publicado por Renaud Camus em 2011, asseverando que ondas migratórias, menores taxas de natalidade entre os estratos brancos com relação aos demais, e misturas interracialis, estariam corroendo a supremacia branca (Ayerbe, 2022b).

Esses exemplos de incriminações contra alvos selecionados, são parte do universo das chamadas *Fake News*, que embora precedem de longa data a existência da internet, são potencializadas na instantaneidade da comunicação em rede, causando impactos imediatos que conspiram contra a eficácia de posteriores desmentidos a partir de análises investigativas. Para Pablo Stefanoni,

A audácia da extrema direita baseia-se, sobretudo, (...) no fato de poder dizer “qualquer coisa”, sem necessidade de sustentar suas propostas com dados verdadeiros, e na falta de prurido moral para mentir sem escrúpulos. Em que se pode culpar os migrantes ou inventar teorias da conspiração absurdas. (2021).

As narrativas de QAnon e da Grande Substituição compartilham uma pauta comum, a exaltação de medos existenciais na preservação de um modo de vida em guerra contra conjunto heterogêneo de atores associados a raças, religiões, etnias, e ideologias, sob o patrocínio de elites políticas e econômicas.

Essa reação conservadora ganha impulso com a chegada de Donald Trump ao governo dos EUA, marco de uma acentuada polarização política. Um exemplo destacado do acirramento público de disputas no interior do Estado é a demissão de Rich Higgins, diretor no Escritório de Planejamento Estratégico do Conselho de Segurança Nacional, em 21 de julho de 2017. O funcionário atribuiu sua queda a setores antagônicos à agenda do presidente, uma espécie de Estado Profundo impermeável às mudanças de governo: “Perdi meu emprego porque era leal ao presidente (...). Havia alguns partidários de Trump na equipe, mas éramos em menor número e quase todos ignorados” (Higgins, 2020).

Em maio, Higgins havia divulgado um relatório em que manifestava preocupações com a atuação de setores que estariam sabotando a nova administração, denunciando um conluio desestabilizador pautado no “Marxismo Cultural”, espécie de mão invisível capaz de mobilizar amplo e inusitado leque de atores:

- A Mídia Mainstream – O mecanismo principal para implementar narrativas.

- A Academia (...) um canal-chave para a criação de futuros adeptos às narrativas marxistas culturais e suas visões de mundo derivadas.
- O Estado Profundo – O resultado bem-sucedido do marxismo cultural é um estado burocrático em dívida com ninguém, certamente não para o povo americano (...)
- Corporações & banqueiros globais – Exploração de populações, livre de proteções nacionais e noções de moralidade pessoal e piedade.
- Liderança Democrata – (...) executa, sustenta e protege programas de ação marxistas culturais e facilita a expansão implacável do estado profundo.
- Liderança Republicana – Com mais medo de ser acusada de racista, sexista, homofóbica ou islâmica do que de não cumprir seus juramentos de “apoiar e defender a Constituição” (Higgins, 2017).

Uma voz precursora de alertas conspiratórios contra o “Marxismo Cultural” é Linda Kimball que, em 2007, chamou a atenção para a presença de uma Esquerda que, sob nova roupagem, retoma tradições que pareciam ter sido derrotadas com a vitória dos EUA na Guerra Fria.

Tanto o comunismo quanto a Nova Esquerda estão vivos e prosperando aqui na América. Eles preferem palavras-código: tolerância, justiça social, justiça econômica, paz, direitos reprodutivos, educação sexual e sexo seguro, escolas seguras, inclusão, diversidade e sensibilidade. Em conjunto, isso é o marxismo cultural disfarçado de multiculturalismo. (Kimball, 2019).

Em termos de referências teóricas, Kimball associa ao militante comunista italiano Antônio Gramsci a ampliação da estratégia revolucionária pela valoração da hegemonia cultural como campo de luta, e de uma noção de sujeito que vai além do proletariado.

Em seus “Cadernos do Cárcere”, ele sugeriu que o novo proletariado fosse composto de criminosos, mulheres e minorias raciais. O novo campo de batalha, argumentou Gramsci, deve se tornar a cultura, começando com a família tradicional e envolvendo completamente igrejas, escolas, mídia, entretenimento, organizações cívicas, literatura, ciência e história. (op. cit., 2019).

Um exemplo da forte presença da herança gramsciana patrocinada pela agenda multiculturalista seriam as “intimidações psicológicas” do “politicamente correto”: “para que alguém não seja considerado racista ou fascista, não só deve ser isento de julgamentos, mas também deve abraçar os novos absolutos morais: diversidade, escolha, sensibilidade, orientação sexual e tolerância” (Kimball, 2019).

Em artigo posterior, Kimball atualiza sua análise incorporando os ataques do politicamente correto que miram no então presidente Trump. Paralelamente, alerta para a ameaça do transumanismo, ideia força que estaria por trás da agenda do Grande Reinício apresentada pelo Fórum Econômico Mundial (FEM) em reunião de junho de 2020:

O marxismo cultural (também multiculturalismo) substitui a classe operária com quatro raças oprimidas – negros, LGBTQ+, estrangeiros ilegais e mulheres (...) vitimizadas e oprimidas pela (...) população socialmente conservadora, principalmente cristã branca e conservadora, em particular Donald Trump e homens brancos heterossexuais em geral (...) O marxismo é apenas uma das muitas ideologias utópicas científicas modernas. O Transumanismo Global com sua utopia do Grande Reinício é outra (...) (que) compartilha a redução do ser humano a agregados desalmados de matéria, hólons, ou com a Tecnocracia Transumana, ativos digitais. (Kimball, 2021).

O FEM foi fundado em 1971, e realiza anualmente na Suíça reunião convocada a partir de um tema representativo do momento econômico, com a presença de empresários, intelectuais, funcionários de governos e lideranças políticas. Historicamente considerado expressão das elites orgânicas do capital global e da agenda de liberalização dos mercados, no encontro de 2020, sob a consigna “Covid-19: O grande reinício”, propõe-se como ponto de largada de um capitalismo pós-neoliberal.

No documento resultante da reunião, admite-se que a pandemia expõe fragilidades econômicas, sociais, políticas e ambientais associadas à “doutrina neoliberal” e “seu ‘fetichismo de mercado’ à qual “a COVID-19 deu o golpe de misericórdia” (Schwab; Malleret, 2020).

Como resposta, aponta-se para um cenário em que o incremento da presença do Estado na economia e no

bem-estar social, com impacto na redistribuição da renda, na saúde, no controle ambiental, na segurança e governança global, serão inevitáveis. A isso se associa o poder da tecnologia, sendo que as exigências de distanciamento físico impostas pela pandemia operam como catalisadores de mudanças que vieram para ficar, com a aceleração da automatização, robotização, rastreamento digital, ampliando possibilidades de vigilância, prevenção e controle de riscos, mesmo afetando a privacidade individual.

Na linha da apreensão demonstrada por Kimball, o “Grande Reinício” é apresentado por Alex Newman como parte de uma agenda transumanista, promovendo tecnologias digitais que levariam a processos de controle da mente pela implantação de microchips. “Humanos serão fundidos com máquinas e tecnologia. Literalmente. Talvez o mais incrível seja que os globalistas do Estado Profundo por trás dos esforços estão saindo do armário” (2020).

Medos advêm da antecipação de cenários em que variáveis influentes escapam parcial ou totalmente ao controle. Parte substancial da decisão independe do livre-arbítrio. Está-se exposto. No campo do desassossego conservador com o chamado “Marxismo Cultural”, atribuindo às ideias de Antônio Gramsci poderoso mal de origem, aponta-se para um imponderável antagonismo existencial, a partir de elementos presentes na fundamentação teórica que orienta estratégias políticas, situando quem as assume em campo inimigo.

A reivindicação do ideário gramsciano faz parte da agenda de setores que resgatam a noção de subalternidade. Conforme a definição de Gramsci: “As classes subalternas,

por definição, não são unificadas e não podem se unificar enquanto não puderem se tornar 'Estado': sua história, portanto, está entrelaçada à da sociedade civil" (Gramsci, 2002. p. 139).

Expressão dessa perspectiva, Chantal Mouffe questiona o reducionismo de classe predominante na estratégia socialista que orientou as revoluções do século XX. Retomando a abordagem de Gramsci, seu foco direciona-se ao que denomina "crítica do essencialismo", contrapondo a pluralidade de sujeitos à concepção do proletariado como agente unificado e pré-determinado pelas relações de produção capitalistas: "Existem muitos pontos de antagonismo entre o capitalismo e os vários setores da população, e isso significa que, quando essa luta for encarada como extensão dos princípios democráticos, haverá uma variedade de lutas anticapitalistas" (Mouffe, 2020).

A ideia de ruptura revolucionária, que implica como desdobramento da conquista do poder a exclusão das antigas classes dominantes e suas estruturas econômicas, políticas e militares de sustentação, é substituída pela noção de democracia radical, que busca combinar o respeito ao pluralismo político com a busca da igualdade nas diversas dimensões da vida social.

O que está em questão não é o "definhamento" do Estado e das instituições pelas quais o pluralismo está organizado, mas uma transformação profunda dessas instituições para colocá-las a serviço de um processo de radicalização da democracia. O objetivo não é a tomada do poder do Estado, mas, como afirma Gramsci, "tornar-se Estado". (Mouffe, 2020).

A qualidade da democracia teria expressão na capacidade de institucionalizar disputas significantes da diversidade de visões de mundo que reivindicam seus espaços, sem horizontes de caráter antagônico: “O importante é que o conflito, quando surgir, não tome a forma de um ‘antagonismo’ (uma luta entre inimigos), mas de um ‘agonismo’ (uma luta entre adversários)” (Mouffe, op. Cit.).

Essa abordagem não é contraditória com concepções liberais pautadas pelo reconhecimento de iguais, sem exclusões nem pré-condições, presente na perspectiva do “direito a ter direitos” de Hannah Arendt:

A igualdade, em contraste com tudo o que se relaciona com a mera existência, não nos é dada, mas resulta da organização humana, porquanto é orientada pelo princípio da justiça. Não nascemos iguais, tornamo-nos iguais como membros de um grupo por força da nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais. (Arendt, 1998, p. 335).

O agonismo e o direito a ter direitos apontam para a constituição de um sistema político capaz de reconhecer o pluralismo, garantir as liberdades fundamentais de organização e expressão, e de estabelecer mecanismos formais de regulação da competição entre as partes. Nessa visão, a atuação de partidos e movimentos estaria pautada pela ampliação de espaços de cidadania, sem limites definidos a priori em termos de formulação de reivindicações.

Esse percurso é reforçado e ampliado em perspectivas que antecipam quebra de limites sistêmicos do capitalismo nas velozes e incomensuráveis mudanças nos campos econômico, científico e tecnológico. No Manifesto Aceleracionista, Nick Srnicek e Alex Williams vislumbram uma crise da globalização neoliberal com potencial de acirrar contradições, propondo o aprofundamento dessa trajetória. Para os autores, trata-se de “liberar forças produtivas latentes”, já que “a infraestrutura capitalista existente não é um palco a ser demolido, mas uma plataforma de lançamento para o pós-capitalismo” (2017a, p. 41).

Na caracterização das transformações sistêmicas, Srnicek e Williams conclamam a esquerda a “mobilizar-se em torno a um consenso pós-trabalho”. Assume-se a premissa de que o estágio atingido pelo desenvolvimento tecnológico criou bases materiais para o fim do trabalho sem comprometer a geração de riqueza, tornando viável a implementação de uma Renda Básica Universal (RBU), que poderia ser facilmente financiada pela

redução de programas duplicados, aumento de impostos aos ricos, impostos sobre as heranças, impostos ao consumo, impostos às emissões de carbono, recortes aos gastos militares, recortes aos subsídios para a indústria e a agricultura e medidas estritas contra a evasão fiscal. (Srnicek e Williams, 2017b).

Durante a Guerra Fria, os EUA e a União Soviética alimentaram expectativas e disputas em torno da universalização dos seus sistemas políticos e econômicos. Seja pelo império do mercado do capitalismo, ou da segurança material garantida pelo Estado do socialismo, a liberdade sempre invocada tornou-se relativa e problemática.

Boris Groys ilustra essa ambiguidade com a afirmação provocadora de que havia maior liberdade na ex-União Soviética do que nos países capitalistas. A que liberdade ele se refere?

A única liberdade que realmente conta é não trabalhar. E nos países comunistas governava uma burocracia que, pelo menos essa foi a minha experiência, era bastante frouxa. Então você pode facilmente escapar. Ninguém pode escapar, porém, das redes do mercado. Você não pode enganar o mercado porque depende dele, do dinheiro que ele lhe dá para viver. Existe um equívoco no Ocidente: a vida é cheia de desejos. Mas se você realmente liberar alguém de suas obrigações, ele vai dormir. A verdadeira liberdade não está funcionando. Por isso havia tanta liberdade nos países comunistas, porque ninguém fazia nada. E é por isso que há tão pouca em um mundo dominado pelo mercado. (Groys, 2008).

Assim como para Srnicek e Williams, o não trabalho é componente inevitável da liberdade exaltada por Groys. De acesso restrito sob o império do mercado, delimitada por brechas na burocracia do estatismo soviético, mundo possível do pós-capitalismo.

O horizonte aceleracionista de transição sistêmica está presente na agenda do coletivo Xenofeminista (XF) Laboria Cuboniks (2017), que incorpora uma pauta reivindicativa de abolicionismos emancipatórios de classe, gênero e raça.

A liberdade não é algo dado e, acima de tudo, não nos é dado por nada “natural” (...) O XF é veementemente antinaturalista (...) A inovação tecnocientífica deve estar ligada a um pensamento teórico e político coletivo em que as mulheres, @s queers e @s dissidentes de gênero têm um papel incomparável. (2017, p. 118-119).

Os argumentos que orientam as posições de Laboria Cuboniks e Srnicek e Williams não são contraditórios com a “democracia radical” e o “direito a ter direitos”. A disputa, independentemente da abrangência universalista e transformadora esboçada nas diferentes visões de liberdade, se dá no interior do sistema, como processo, sem ruptura revolucionária. Nessa perspectiva, a estratégia passaria pela hegemonia na governabilidade do capitalismo, em que as bases de sua sustentação vão sendo minadas, concomitantemente à instituição do novo. Conforme sintetiza Alejandro Galiano:

Não temos a força para vencê-lo, e sair dele é impossível. Devemos governá-lo: aproveitá-lo onde seja necessário, combatê-lo onde seja nocivo e regulá-lo onde seja insuficiente. E, sobretudo, parasitá-lo ali onde possamos: lutar pelo ócio civilizatório e pelo controle social das rendas naturais, digitais e financeiras, tanto para captá-las e redistribuí-las, como para limitá-las. (Galiano, 2020).

A agenda do XF se inscreve na concepção transumanista de que o desenvolvimento tecnocientífico vai abolindo limites ao melhoramento dos seres vivos: “Nosso destino está ligado à tecnociência, na qual nada é tão sagrado que não possa ser redesenhado e transformado para ampliar nossa abertura à liberdade, estendendo-a ao gênero e ao humano”. (2017, p. 127).

Teorizando sobre possibilidades mais abarcadoras da integração entre o orgânico e o maquínico, Ray Kurzweil concebe a aceleração das mudanças tecnológicas aplicadas ao aprimoramento da mente e do corpo como processo inevitável de incorporação da inteligência artificial em proporções que superarão em larga escala a inteligência biológica:

já terceirizamos parte de nosso modo de pensar através da nuvem da computação. Ela já faz parte de quem somos. Depois que tivermos inteligência não biológica inteligente em nossos cérebros, a capacidade dessa ampliação – e a nuvem à qual está conectada – vai continuar a crescer exponencialmente (...) A evolução biológica vai continuar, mas a evolução tecnológica está se movendo um milhão de vezes mais depressa do que a outra. (2015).

Kurzweil denomina essa tendência como Singularidade, “fusão entre a nossa existência e pensamento biológico com a nossa tecnologia”, processo cujo ponto culminante será uma “pós-singularidade”, em que “não haverá distinção entre humano e máquina ou entre realidade física e virtual” (2012).

Os pressupostos aceleracionistas presentes no pós-capitalismo e na Singularidade, manifestam expectativas de liberdade humana. A ausência de limites pré-estabelecidos ao que pode ser transformado, diversidades a serem legalmente reconhecidas, fronteiras ciber/biológicas na definição do humano, se inscrevem na tradição oitocentista da modernidade capitalista em que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, conforme expressado por Marx e Engels:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas (...). Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. (Marx; Engels, 2008).

O que é vislumbrado em setores liberais e de esquerda como abertura de possibilidades de transformação associadas ao progresso, deflagra em âmbitos de direita uma resposta reacionária. No centro do antagonismo denuncia-se o “marxismo cultural”, associado ao multiculturalismo, a correção política e o globalismo, infiltrado na sociedade civil, nas instituições e organizações nacionais e internacionais, com impacto no espírito das leis. A continuidade e aprofundamento desse processo são percebidos como ameaça a identidades que reivindicam origens ocidentais e cristãs, sob o risco de serem diluídas, sem hierarquias, entre tantas outras de diversa abrangência e significado.

Parte das tragédias do mundo se origina do acionar de quem transforma situações conflituosas nas relações humanas em campo de batalha de tudo ou nada para instalar uma invenção reducionista do bem e do mal. Como afirmava Eric Hobsbawm, “O verdadeiro problema não é querer um mundo melhor: é acreditar na utopia de um mundo perfeito (...) apenas aqueles com expectativas modestas em relação ao mundo podem evitar infligir lhos males e sofrimento” (2000, p.192).

A hostilidade incriminatória contra suposta ofensiva desconstrucionista antiocidental se traduz em militância supremacista. O mapa substituindo o território pela discriminação do “outro” e do “distinto” através do estigma, a subordinação forçada e o fechamento. Hiperstição de direita.

NAVEGAR É PRECISO

“Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação”. Jorge Luis Borges, 2011

Hiperstição e noopolítica projetam-se como campo de ação estratégica convergente com a aceleração de transformações tecnológicas, as quais alavancam um crescente protagonismo das redes comunicacionais da era digital, colocando em relevo esferas de interação humana centradas na mente.

Para Byung-Chul Han, a territorialização informacional atinge tal grau de abrangência e profundidade ao ponto de operar uma transmutação da democracia em infocracia. Como parte dessa metamorfose, o recurso ao apelo afetivo estaria adquirindo primazia sobre a interlocução racional em base discursiva.

Em uma comunicação afetiva, não são os melhores argumentos que prevalecem, mas as informações com maior potencial de excitação. Assim, as fake news chamam mais a atenção do que os fatos (...) Nessa info-cracia, nessa guerra de informação, não há espaço para o discurso (...) A informação é divulgada sem passar pelo espaço público. É produzida em espaços privados e enviada para espaços privados (...) As histórias de conspiração suprimem a contingência e a complexidade, que são especialmente onerosas em situação de crise. (Han, 2022).

Ampliando essa tendência para além da política, Han vislumbra um processo generalizado de desmaterialização, de império das “não coisas”: “A ordem terrena está hoje sendo substituída pela ordem digital. Isso desnatura as coisas do mundo informatizando-as (...) Os vínculos com coisas ou lugares são substituídos pelo acesso temporário a redes e plataformas” (Han, 2021).

O Eu torna-se transeunte de “não lugares”, nas palavras de Marc Augé, um “contexto de todo lugar pensável, de todo lugar possível” (2019):

aerovias, ferrovias, rodovias e residências móveis denominadas “meios de transporte” (aviões, trens, automóveis), aeroportos e estações ferroviárias, estações aeroespaciais, grandes redes de hotéis, playgrounds, supermercados, o complexo emaranhado (...) de redes

de cabos ou fios que mobilizam o espaço extraterrestre para fins de uma comunicação tão estranha que muitas vezes não coloca o indivíduo em contato exceto com outra imagem de si mesmo. (Augé, 2017, p. 85).

“Sem sair da porta, pode-se conhecer o mundo” (Lao Tse, 2021). A partir do corpo, através da mente, o desdobramento imaginário de situações em que se projetam outras vidas. Trânsito pelos reinos do que não é.

Um “não lugar” chamado Metaverso, salto exponencial do universo das “não coisas”, realidade consumada de uma obsolescente concretude material. Seja como paraíso perdido ou admirável mundo novo, análises críticas ou entusiastas da incomensurabilidade do poder informacional são frequentemente influenciadas por fatalismos reducionistas.

A invenção de existências não é imune a limites de acesso e permanência de ordens políticas e socioeconômicas que regulam lugares e coisas, pautadas em sistemas de valores que hierarquizam seres vivos. Desaparecer de si e por instantes reaparecer como avatar de habilidades versáteis, requer dispositivos idealizados, fabricados e comercializados no mundo material. Realizar esse sonho pressupõe mãos e máquinas que propiciem valor de uso à mercadoria onírica.

Adequando aos novos tempos a citação de Jorge Luis Borges, a ciência não avançou ao ponto de prescindir de instrumentos que permitam a extensão da memória, da imaginação, da inventividade, ou que são extensões da vista, da voz e das mãos.

Hiperstição da Temporada no Inferno de Arthur Rimbaud? “A mão que empunha a pena equivale à que guia o arado. – Que século de mãos! – Jamais me servirei das mãos! Depois, a domesticidade leva demasiado longe” (2021).

Hoje a mão escreve, lavra, digita, seleciona, copia, recorta, cola e envia. O empresário Steve Jobs publicitava a substituição do teclado físico no seu “telefone inteligente” anunciando “o mundo na palma da mão”. Diria Rimbaud: A domesticidade nos levou a um novo século de mãos!

Corpo e mente compartilham múltiplas temporalidades, ocupados em estados que escapam, totalmente ou em parte, ao desenho individual. Há o tempo do trabalho para reproduzir a existência material, inescapável para a maioria. O tempo do sono e dos sonhos. O tempo próprio, da soltura, do pertencimento, refúgio emancipatório das imposições no desempenho de um papel.

Refúgios são espaços vividos em soberania, sob parâmetros estabelecidos por quem os habita. A radicalização da democracia, o abolicionismo de classe, gênero e raça, o vislumbre de uma sociedade pós-trabalho, alinhavam delineaamentos políticos de um alargamento coletivo do tempo próprio. Hiperstição de esquerda.

Bibliografia

- Arendt, Hannah (1998). *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Augé, Marc e Montaner, José Maria (2019) *La humanidade planetária*. Barcelona: Gedisa.
- Augé, Marc (2017) *Los “no lugares”. Espacios del anonimato*. Barcelona: Gedisa.
- Avanessian, Armen (2021) *Meta-Futuros*. Madri: Holobionte Ediciones.
- Ayerbe, Luis (2022a) Noopolítica. Entre o intelecto geral e a guerra cognitiva (<https://luisfernandoayerbe.site/wp-content/uploads/2022/06/Bala-de-Prata-n1-Noopolitica-v5.pdf>)
- _____ (2022b) Esferas noopolíticas na análise de conjuntura (<https://luisfernandoayerbe.site/wp-content/uploads/2022/06/Bala-de-Prata-n2-Esferas-v05.pdf>)
- Borges, Jorge Luis (2011). *Borges, oral & siete noches*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Galiano, Alejandro (2020). *¿por qué el capitalismo puede soñar y nosotros no?* Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Gramsci, Antonio (2002). *Cadernos do cárcere*, v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Groys, Boris (2008). El consumo es hoy la gran ideología, 28 de julho (https://elpais.com/diario/2008/07/26/babelia/1217029811_850215.html)

Han, Byung-Chul (2021) *No-cosas: Quiebras del mundo de hoy*. Barcelona: Penguin Random House.

_____ (2022) *Infocracia: La digitalización y la crisis de la democracia*. Barcelona: Penguin Random House.

Higgins, Rich (2017). Potus & Political Warfare (<https://unconstrainedanalytics.org/wp-content/uploads/2018/09/Political-Warfare.pdf>)

_____ (2020). The White House fired me for my loyalty, *The Wall Street Journal*, 12 de fevereiro (<https://www.wsj.com/articles/the-white-house-fired-me-for-my-loyalty-11581526372>)

Hobsbawm, Eric (2000). *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kimball, Linda (2019). Cultural Marxism, 7 de julho (<https://www.renewamerica.com/columns/kimball/190707>)

_____ (2021). Progressive utopian cultural Marxism poisoning minds, churches, schools, politics. 23 de março (<https://www.renewamerica.com/columns/kimball/210323>)

Kurzweil, Ray (2012) *La singularidade está cerca: Cuando los humanos transcendamos la biología*. Berlin: Lola Books.

- _____ (2015) *Como criar uma mente*. São Paulo: Aleph.
- Laboria Cuboniks (2017). Xenofeminismo: una política por la alienación. In: Avanesian, Armen; Reis, Mauro (Comp.) (2017). *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.
- Land, Nick (2009) *Hyperstition. An introduction* (<https://www.orphandriftarchive.com/articles/hyperstition-an-introduction/>) (Acesso em 25/07/2022).
- Lao Tse (2021). *Tao Te Ching*, 18 de agosto de 2021 (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>)
- Le Breton, David (2017) *Desaparecer de Sí*. Madrid: Editorial Siruela.
- Link, Daniel (2022) *Metaverso, hiperstición y fantasmas semióticos*. (<https://proyectosynco.com/metaverso-hipersticion-y-fantasmas-semioticos/>) (Acesso em 26/07/2022).
- Marx, Karl e Engels, Friedrich (2008). *Manifiesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Mouffe, Chantal (2020). *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Newman, Alex (2020). “Great Reset” transhumanism: merging man & machine, 2 de
- Dezembro (<https://thenewamerican.com/great-reset-transhumanism-merging-man-machine/>)

Rimbaud, Arthur (2021). *Uma estação no Inferno*, 23 de agosto (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000029.pdf>)

Schwab, Klaus; Malleret, Thierry (2020). *Covid-19: El Gran Reinicio* (Genebra: Forum Publications)

Srnicek, Nick; Williams, Alex (2017a) Manifiesto por una política aceleracionista. In: Avanesian, Armen; Reis, Mauro (Comp.) (2017). *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.

_____ (2017b). *Inventar el futuro. Postcapitalismo y un mundo sin trabajo*. Barcelona: Malpaso.

Stefanoni, Pablo (2021) *¿La rebeldía se volvió de derecha?* Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

Stephenson, Neal (2015) *Snow Crash*. São Paulo: Aleph.